

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Ateis.

123)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (SETEMBRO 7, 1839)



UMA VISTA DA CIDADE DO PORTO.

A HEROICA cidade do Porto, celebre nos annaes portuguezes, é, sem contradicção, a segunda do nosso reino; quer pela população, pela nobreza dos edificios, e pelas vantagens e commodos da vida, quer pela amplitude e actividade do commercio e industria, e pela circulação de numerario que destes mananciaes dimana. Tamanha importancia deve, por uma parte, á situação, que a fez o emporio das provincias do norte, e por outra parte ás laboriosas propensões e assiduidade dos habitantes.

Appresenta o magnifico prospecto d'um vasto amphitheatro, na margem septentrional, ou direita, do Douro, do qual tractámos já a pag. 177 deste vol. Sobre os dois montes da *Sé* e da *Victoria*, e pelos valles que estes separam, se dilata toda a povoação, contigua a extensos arrabaldes. Na margem opposta do rio está *Villa-nova de Gaya*. A antiga cerca da cidade era uma muralha de cantaria de tres mil passos de circumferencia e 30 pés d'altura, com muitas portas para serviço publico, sendo as maiores a *Porta nova*, a dos *Banhos*, *Lingolta*, *Peixe*, e *Ribeira*, para a banda do rio; e para a parte da terra, as do *Sol*, *Cima de Villa*, *Carros*, *Sancto*

Eloy, *Olival*, e *Virtudes*. Em muitas havia corpos de guarda militar. Começava a muralha no sitio chamado a *Porta nova*, onde fazia um angulo, que olhava para o poente, e donde seguia para o meio-dia, quasi em linha recta, pela margem do Douro, formando um extenso e bello passeio guarnecido de boa casaria, chegava aos *Guindais*, e, subindo pelo nascente até á *Porta do Sol*, ia rematar na porta de *Cima de Villa*, e logo começava a descer pela ingreme calçada da *Tereza* até á *Porta dos Carros*, que era a mais frequentada, e foi aberta em 1521, reinando D. Manuel. Desta porta continuava a muralha até a de *Sancto Eloy*, e ahi outra vez ia subindo até a porta do *Olival*, no largo da *Cordoaria*, descia á porta das *Virtudes*, á da *Esperança*, e concluia, onde principiára, no local da *Porta nova*. Foi esta cerca fundação dos reis D. Affonso 4.^o, D. Pedro 1.^o e D. Fernando, e a sua fabrica gastou quarenta annos. Outros, pela fórma da sua construcção, a attribuem, ao que parece com mais razão, aos tempos d'elrei D. Manuel.

A actual população da cidade divide-se pela maneira seguinte, =

	Cedofeita.	7:000
	Massarellos.	1:500
	Miragaia.	2:400
Freguezias de	{ Sancto Ildefonso	} 55:100
	{ S. Nicolau.	
	{ Sé.	
	{ Victoria	
		66:000
Junctando a população de Villanova de Gaya, que está na margem meridional do Douro		5:390
Habitantes		71:390

Apesar de ser conforme este calculo ás informações officiaes, comtudo póde rasoavelmente reputar-se a população em 80:000 almas.

Tem o Porto, entre muitas ruas de construcção antiga, outras excellentes, espaçosas, bem calçadas, com passeios commodos, notaveis pelo aceio, e illuminadas á noite. A rua das Flores, rica por suas lojas bem providas de toda a cãsta de fazendas, foi obra de elrei D. Manuel: a de S. Nicolau mandou abrir D. João 1.^o; a rua nova de S. João foi aberta em 1765, e firmada sobre grossos arcos de cantaria; hoje, como todos sabem, se tem aformoseado a cidade com outras, que facilitam as communicações, e offerecem novos commodos aos habitantes. As casarias, especialmente as modernas, são bem construidas, muito aceadas, interna e externamente, e gozam de bastante luz; entre ellas notam-se bastantes palacios de particulares, vastos, e edificados com formosa architectura, sendo o principal a casa chamada dos Carrancas.

Dos edificios publicos mencionaremos brevemente os mais notaveis. A casa da relação é de fôrma quasi triangular, de architectura regular, posto que de gosto pesado: ahi mesmo são as cadeias publicas, de grande capacidade, e mantidas com boa ordem e limpeza. A casa da camara é um bom edificio; porém o paço episcopal é obra vasta e grandiosa, onde se nota a escadaria mais magnifica que ha em todo o reino: foi inteiramente reedificado pelo bispo D. João Raphael de Mendonça, da casa de Val de Reis. É contiguo á Sé, em terreno desigual, pelo que os lados variam de andares para conservarem a igualdade das cornijas e remates. O frontispicio da entrada tem dois andares e lojas, e um portico, sobre o qual ha uma varanda com balaustrada de pedra. Pena é que o recentissimo cerco damnificasse tanto este edificio, que actualmente serve de bibliotheca, e residencia do Ex.^{mo} bispo actual. Porém de todas as obras publicas do Porto seria a mais grandiosa, e uma das principaes do reino, se acaso estivesse completa, o hospital chamado novo, que começou a edificar-se pelos annos de 1769; apenas estará feita a quinta parte, que comtudo presta asylo e soccorros aos doentes pobres da cidade, e por onde se póde julgar da grandeza do plano. O edificio devia ser quadrangular, correspondendo os 4 lados aos ventos cardinaes, e toda a circumferencia externa abranger 3:180 palmos: no centro devia erigir-se uma igreja com seu zimbório, de fabrica sumptuosa. A cargo deste hospital, que corresponde ao de S. José nesta capital, estão dois para entrevados e para lazarus.

O aquartelamento de Santo Ovidio, susceptivel de recolher 3:000 homens; o edificio da casa pia; o da academia de marinha [hoje eschola polytechnica] que apesar de incompleto é de plano mui vasto; o theatro situado no ponto mais alto da cidade e construido com elegancia, são tambem merecedores de se

mencionarem; e igualmente, com ser edificio particular, a casa da feitoria ingleza, começada em Fevereiro de 1785.

Entre os templos, a Sé tem a primazia. Ainda que a sua fundação date dos tempos de seu primeiro bispo, Constancio, que assistiu ao 3.^o Concilio Toledano, e governou por espaço de dez annos decorridos de 579 a 589; póde comtudo dizer-se obra do conde D. Henriques e da rainha D. Theresa, sua mulher, que a reedificaram completamente; segundo o P.^o Agostinho Rebello. — O conde, nobilissimo ascendente dos nossos monarchas, tomou posse da cidade em 1092, e aqui residiu por varias vezes: a rainha, sua esposa, erigiu um palacio adjacente á Sé, com interior communicação por uma escada, que a tradição largos annos denominou *escada da rainha*.

A parte externa, virada para o norte, desta cathedral, é uma arcada de pedra bem lavrada, com varanda abalaustrada. O elevado frontispicio da parte do poente, campea em grande altura sobre a cidade, com duas fortes torres de cantaria aos lados onde estão os campanarios. Divide-se o templo em tres naves, que findam com o arco cruzeiro, onde pega o côro e capella-mór, que é das maiores e mais regulares das Hespanhas. O pavimento é de marmore branco e vermelho em xadrez, e destes e dos marmores preto e roxo são os cunhais e cornijas, actualmente empastados com estuques e douraduras, como a Sé de Lisboa. Na Sé repousam os restos mortaes do martyr S. Pantaleão, padroeiro da cidade, mandados trasladar da igreja de S. Pedro de Miragaia pelo bispo D. Diogo de Sousa, que regeu o bispado de 1495 a 1505.

Outro templo grandioso é o do convento de S. Francisco, doado ha pouco á ordem terceira seraphica, salvo assim da furia dos demolidores, e que segundo nos consta se vai restaurar e conservar com toda a belleza primitiva. A igreja que foi dos Benedictinos tambem é digna de menção; e na posteridade se-lo-ha tambem o templo de N. S. da Lapa, como deposito do coração magnanimo do Sr. D. Pedro, de sempre saudosa memoria, pai da Nossa Augusta Soberana.

A torre da igreja dos clerigos, que passa pela mais alta do reino, avista-se de mui longe, foi começada em 1732 e concluida em 1763, tem d'altura até o assento da bola 316 palmos e meio; é uma das mais notaveis construcções da cidade do Porto, fazendo grandissimo effeito, por isso que está collocada em posição muito eminente: foi obra de um architecto italiano, Nicolau Nazoni; e tendo soffrido por vezes estragos de raios, acha-se ao presente resguardada por *conductores*.

A igreja de Cedofeita é credora d'attenção só por sua veneranda antiguidade: celebraram-se alli sem interrupção os officios divinos, até no dominio dos mouros, mediante certo tributo que os conegos lhes pagavam.

Os estabelecimentos de beneficencia, e de instrucção publica no Porto são quaes convem a uma cidade tão populosa. Além das aulas d'ensino primario e outras, ha a *eschola polytechnica*, a *academia medico-chirurgica*, e a *academia de bellas-arts*.

O *banco commercial portuense*, a *caixa filial do Banco de Lisboa*, as *companhias de seguros maritimos e contra fogos*, e outras empresas comprovam o grande movimento commercial desta cidade. A Associação mercantil, instituição de reconhecidas vantagens [como tem mostrado a que existe nesta capital] foi fundada no anno de 1835. Muito antes porém existia [segundo o sabio J. P. Ribeiro nas *reflexões historicas*] a chamada *bolça do commercio de*

Porto, anterior á guerra da acclamação de D. João 1.^o, e depois renovada. O seu fundo em uma quota parte dos fretes se despendia nas precisões communs do commercio assim no reino como nas nações estrangeiras (*). Ella muitas vezes promoveu e obteve providencias vantajosas ao seu fim. Era tal a reputação e valia das duas principaes praças commerciantes do reino, naquelles tempos, que os mercantes de Lisboa e Porto concluíram com Eduardo 3.^o de Inglaterra o tractado de commercio de 20 d'Outubro de 1353, em virtude do qual os nossos pescadores podiam ir fazer as suas pescarias ás costas da Inglaterra e da Bretanha.

Innumeraveis navios de todas as nações cruzaram em todas as epochas posteriores a foz do Douro, alimentando o commercio activo da cidade do Porto, simultaneamente com o grande numero d'embarcações nacionaes, já costeiras, já do mar alto, muitas proprias desta praça, outras dos diversos portos do reino.

Extrahiremos os resultados de dois curiosos mapas que se encontram no segundo volume da obra geographica do Sr. Urcullu. — No anno economico ou emergente do primeiro de Julho de 1834 a trinta de Junho de 1835, o valor dos principaes generos exportados pela barra do Porto montou a 6:091:313 \$ 970 réis, isto é, mais de doze milhões e meio de cruzados, figurando como verba principal nesta somma 38:468 pipas de vinho no valor de 4:231:480 \$ 000 réis; e destas pipas foram exportadas para a Graã-Bretanha 32:535 $\frac{1}{2}$, e o restante para varios portos d'outras nações, entrando algumas para o reino.

A conta de receita e despeza da alfandega do Porto desde o 1.^o de Dezembro de 1834 até 30 de Novembro de 1835 appresenta o seguinte resultado. —

Receita	1:275:881 \$ 713
Despeza	36:328 \$ 000
Saldo	R. ^s 1:239:553 \$ 713

Os ramos d'industria cultivados nesta cidade opulenta quotidianamente se aperfeiçoam, e alguns são já consideraveis; as excellentes manufacturas de sedas, as obras de ourives bem desempenhadas, o fabrico de chapéus, tem adquirido reputação; e todos estes productos se exportam com vantagem notavel.

Se pertendessemos agora compilar os titulos de gloria com que se ennobrece a heroica cidade do Porto ultrapassaria este artigo os limites que prescreve o nosso Jornal: resumiremos todavia alguns. Os nossos monarchas honraram seus habitantes com muitos privilegios e mercês: n'uma Provisão d'elrei D. João 2.^o datada d'Evora em o 1.^o de Junho de 1490, confirmada posteriormente por Philippe 2.^o em Novembro de 1596 lê-se a respeito dos moradores do Porto. — *Outro sim queremos e nos praz que hajam e gozem de todas as graças, liberdades e privilegios, que são, e temos dado a nossa cidade de Lisboa, reservando que não possam andar em bestas muares; porque não havemos por nosso serviço, nem bem do reino andarem nellas.* Já D. João 1.^o anteriormente tinha favorecido muito esta cidade, dilatando-lhe o termo, e mandando abrir, como dissemos, a rua de S. Nicolau. Este monarcha cavalleiro recebeu-se no Porto a 2 de Fevereiro de 1387 com D. Philippa, filha do duque de Lancastre, de Inglaterra, a qual senhora foi o iris da paz, que veio asserenar a tempestade das guerras entre esta

corôa e a de Castella: o mesmo fundou em 1416 o convento de Santa Clara de religiosas Franciscanas, que fez trasladar para a nova casa d'outra que habitavam d'antes no sitio de *entre ambos os rios* juncto ao Tamega. Elrei D. Manuel que reedificou completamente a antiga muralha, segundo alguns affirmam, e a quem se deve a rua das Flores, fundou tambem o mosteiro da Ave Maria, de Benedictinas, em 1513, reunindo para este intento as religiosas dos quatro conventos de Tuias, Rio tinto, Villa-Cova e Tarouquela. Em nossos dias escusado é referir a gloria que ao Porto resultou da residencia de S. M. I. o Duque de Bragança.

Uma antiga tradição tambem arroga para o Porto a honra de ter dado ao reino o nome que ora tem derivando-o de Porto, e Cale, que dizem ser a mesma terra que é hoje Villa-nova de Gaya. Sisudos escriptores seguiram esta opinião. Antonio de Sousa de Macedo chama á cidade *gloriosa, illustre berço do reino de Portugal, a quem deu o nome &c.*, e em o nosso Camões, Lus. Cant. 6.^o Est. 52, lê-se:

Lá na leal cidade, donde teve
Origem [como é fama] o nome eterno
De Portugal

Se consultar-mos a nossa historia litteraria, acharemos que foram naturaes do Porto muitos dos nossos escriptores. Para remate desta noticia citaremos alguns mais conhecidos. — Vasco da Lobeira foi o auctor do celebre romance de cavallarias, Amadis de Gaula. Frei Manuel da Esperança, distincto em varios estudos, escreveu as *Historias Serafica e Sebastica*. O P.^e Simão de Vasconcellos nos deixou as *Noticias do Brasil*. Jeronymo de Mendonça, escapando da infausta batalha d'Alcacerquibir em Africa, escreveu a historia daquella desgraçada expedição. Pedro d'Andrade Caminha compoz muitas Poesias que a nossa Academia incorporou n'um grosso volume. D. Francisco de Sá e Menezes, um dos cinco governadores nomeados pelo Cardeal rei, distinguise na Poesia. D. Bernarda Ferreira de Lacerda, entre varias obras em hespanhol, escreveu o *Poema — Hespanha Libertada*. — O justamente celebre infante D. Henrique, que tanto impulso deu á navegação, nasceu no Porto a 4 de Março de 1394. Antonio de Sousa de Macedo, Magistrado, Secretario d'Estado, Embaixador á Hollanda, foi escriptor de mui variada erudição. Todos estes filhos do Porto contam-se na lista dos benemeritos que com seus escriptos illustraram a patria; porém nos nossos dias tres homens muito insignes, oriundos da mesma cidade, deram novo realce á nossa litteratura, especialmente um delles pôde dizer-se que creou um ramo novo de jurisprudencia em Portugal: fallâmos dos sabios distinctos, Antonio Ribeiro dos Santos, ha tempos fallecido, e João Pedro Ribeiro e José Ferreira Borges, cuja perda recente deplorámos.

AMOR FRATERNAL.

EM o naufragio que no anno de 1535 padeceu a náu Santiago, de que era capitão mór Fernão de Mendonça, entre as pessoas que se salvaram no seu batel foram os dois irmãos Gaspar, e Fernão Ximenes, homens honrados naturaes de Lisboa; e por ser muita a gente, e o batel ir mui pezado, houve pareceres que se lançassem alguns ao mar. Em execução de tão cruel obra, consultados os que davam a sentença, se mandou que um dos irmãos fosse deitado ao mar, e pegando os executores em Gaspar

(*) Consulte-se o artigo sobre a Bolça de Lisboa a pag. 234 deste vol.

Ximenes, que posto fosse o mais velho era menor de corpo que seu irmão, e mais delgado de carnes, Fernão Ximenes vendo que não havia remedio se não ir um delles, saltou donde estava, e com amor fraternal se offereceu para tão lastimoso sacrificio, dizendo que ficasse seu irmão que era mais velho, e pae de suas irmaãs, e que o lançassem a elle ao mar, o que logo fizeram, sem que por isso perdesse o animo, antes sendo o golfão de mar de mais de cento e vinte leguas da primeira terra, foi seguindo o bachel, nadando por muito tempo com incomportavel trabalho, até que compadecidos de sua desventura, andando já que se não podia bolir, os mesmos que o condemnaram foram os primeiros a requerer que o recolhessem, o que pozeram por obra, recebendo assim a paga de tão sublime feito, digno por certo de se perpetuar na memoria dos homens.



DEMOSTHENES.

DEMOSTHENES, o eloquente orador atheniense, foi filho d'um cidadão abastado, que vivia do rendimento de muitas ferrarias; por isso os seus adversarios, presumindo injuria-lo, lhe chamavam o filho do ferreiro, como se a ascendencia plebea influisse no engenho, ou diminuísse os quilates do merecimento. Os maiores inimigos de Demosthenes foram os obstaculos que a sua organização physica punha ao exercicio da profissão que abraçara; mas a perseverança, e inauditos esforços venceram os defeitos naturaes: respiração curta, pronunciação difficil, gestos ridiculos, timidez infantil embaraçavam os vãos do illustre orador da Grecia, que, mal acolhido do publico no seu primeiro ensaio, esteve a pontos d'abandonar desconsolado a nobre carreira, que encetára com ardor, se não foram os conselhos d'um ancião venerando, a cuja perspicacia não escapou o talento de Demosthenes. Parecem incriveis as diligencias que este homem celebre pôz em pratica para corrigir os seus defeitos physicos, e atenuar o máu effeito que produziam no animo de ouvintes de tão delicado gosto e polidas maneiras, como era naquelle tempo o povo atheniense: subia a correr logares escarpados recitando extensos periodos para exercitar a respiração, revolvía de continuo na boca miudos seixos para desembaraçar a lingua, declamava as suas orações á beira-mar em occasiões de tempestade para se acostumar ao borborinho popular, emfim para perder o habito de erguer um hombro sempre que concluía um periodo as recitava tambem em casa n'uma especie de pulpito estreito, por cima do qual mandára pendurar

uma vara armada com um aguilhão, em postura e altura exactamente correspondente ao hombro, que costumava levantar, o aço entrando-lhe na carne o advertia para largar aquelle gesto ridiculo. Tanto era preciso para agradar a um povo conhecedor, mas frivolo, e disposto sempre a zombar das minimas singularidades de qualquer, ainda nos mais serios actos.

A vida de Demosthenes foi inquieta não só por causa das rivalidades, como pelo estado da sua patria abalada por discordias intestinas e guerras externas. Na tenra idade teve má fortuna, porque ficando orphão apenas com sete annos, caiu em mãos de tutores que lhe defraudaram o patrimonio. A opposição decidida que sempre fez á politica ambiciosa de Philippe, rei de Macedonia e pai de Alexandre Magno, suscitou-lhe incommodos e desgostos; mas a essa opposição deve a posteridade as mais vehementes orações de Demosthenes, chamadas Philippicas do nome da pessoa contra quem foram proferidas. Nas embaixadas, nos conselhos, no foro, o illustre orador foi sempre zeloso defensor da independencia, prerogativas e interesses da sua patria, não obstante ter contra si inimigos poderosos e astutos, e as discordias, frivolidade e corrompida moral de seus concidadãos. Foi um homem d'estado, que desempenhou ponderosos cargos na republica em crises melindrosas, proseguiu com vigor o plano de combater em beneficio do seu paiz os projectos usurpadores dos macedonios, com perigos pessoas por insidias d'estranhos e outras vezes por inveja e ingratição dos compatricios.

Quando Antipatro desbaratou os gregos confederados, e marchou sobre Athenas, Demosthenes, que fôra o principal motor da conspiração, achou que era prudente retirar-se para uma ilha fronteirã a Trezene, onde se refugiou n'um templo. Debalde os mensageiros macedonios o quizeram resolver a apresentar-se a Antipatro; recolheu-se ao interior do templo, sob pretexto de escrever uma carta, e dizem que tomára veneno e morrera antes de poder sair fóra. Plutarcho, que assim o refere, tambem nos dá outra causa mais provavel da morte deste homem insigne; isto é, que o atacára uma apoplexia formal promovida pelas inquietações e pesares dos ultimos dias da sua vida.

Muitas das orações de Demosthenes chegaram aos nossos tempos, e tem tido numerosas reimpressões: o texto mais correcto é o da edição de Bekker. Cesarotti as verteu em italiano, e enriqueceu com eruditas notas; e Auger as deu em francez conjunctamente com as d'Eschines, distincto rival de Demosthenes. Outras traducções ha de mais ou menos preço; porque para exprimir a simplicidade, perspicuidade, e vehemencia do original era preciso que o traductor possuísse o mesmo gráu d'energia, os mesmos profundos sentimentos que impelliam o orador. Quem procura nestes discursos a linguagem de um homem arrastado pela torrente dos affectos com dezar do juizo, engana-se muito. Diz-se que Demosthenes não fôra orador d'improviso, elaborava muito as suas composições. Em todas as suas orações se notam esforços mais para convencer o entendimento do que para mover as paixões dos ouvintes. Os homens podem ser persuadidos por imagens esplendidas, palavras selectas e movimentos oratorios; mas convencer por meio d'um discurso placido e claro, sem recorrer a meios insidiosos, a estratagemas rethoricos, é o que Cicero chama oratoria de Demosthenes, o modelo ideal da verdadeira eloquencia. Apesar da linguagem fluente, o trabalho e correcção do orador descobrem-se em todos aquelles discursos,

principalmente no talento admiravel com que conseguiu que cada periodo fizesse o necessario effeito, e na judiciosa antithese, que dá tal força e exactidão ao seu modo d'exprimir que parece que outras nenhuma palavras, outra nenhuma ordem de palavras seriam tão proprias como as que empregou. Observa-se isto nas orações sobre assumptos politicos, bem differentes das que versam sobre materias civis, em que ha tanta facilidade, e ás vezes negligencia, que até se encontram incorrecções grammaticas: mas assim mesmo, além do seu merecimento intrinseco, são escriptos mui preciosos para quem estudar o estado social de Athenas naquella epocha.

A estampa, que appresentámos, é copia reduzida d'um busto antigo de Demosthenes, que está na galleria Townley do museu britannico.

INVENÇÃO DAS MINAS.

ANTES da descoberta da polvora, dava-se o nome de mina a um canal ou estrada subterranea por onde se introduziam os sitiadores dentro das muralhas ou trincheiras da praça que se achava em cerco: — umas vezes iam por estradas de toupeiras accommetter de improviso as praças, sahindo-lhe dentro; — outras, limitando-se a escorar as muralhas, largavam fogo ás escoras, desmuronando aquellas.

A antiguidade das minas provam-na algumas passagens do historiador Josepho, pelas quaes se vê que dellas fizeram muitas vezes uso os judeus, e varios povos orientaes. Os gregos e romanos as empregavam nos assédios para aluir os muros e torres das cidades, ao que davam o nome de *agere cuniculos*.

Postoque o franciscano Bertholdo Shwartz, ou, como outros lhe chamam, Constantino Angliksen, fizesse conhecido na Europa em 1320, ou em 1351 o admiravel invento da polvora, temos como cousa averiguada, ou pelo menos muito provavel, que foi no oriente [onde primeiro se fez uso d'aquella destruidora composição] que as minas começaram a formar uma parte essencial da arte da guerra.

Nós os portuguezes não fomos dos ultimos que experimentámos os seus terriveis effeitos, em tão afastadas regiões, theatro da nossa pristina gloria. —

Na Peregrinação de Fernão Mendes Pinto, cap. 10.^o, onde se refere a peleja dos portuguezes, commandados pelo capitão mór, Gonçalo Vaz Coutinho, em defeza da rainha d'Onor, contra os turcos, em 1537 ou 1538, lemos que no calor da refrega alguns portuguezes, que entraram com os tureos de volta, lhes tiveram ganhada a mór parte da tranqueira, e dando os turcos então fogo a uma mina que tinham juncto da porta, ficaram alli logo mortos seis portuguezes, e oito escravos, afóra outros que ficaram muito queimados, com uma fumaça tamanha que se não viam uns aos outros. No capitulo 17.^o o auctor descrevendo o combate que houve entre o rei Bata e o dos achens exprime-se desta fórma: “E estando assim todos travados, uns por entrarem, outros por defenderem a entrada, os achens deram fogo a uma mina que tinham feita, a qual arrebrando por juncto do repuzo, que era de pedra emsosa, refinou para o ar o capitão Bata com mais de trescentos dos seus, feitos todos em pedaços, com um estrondo, e fumaça tão espantosa que parecia um retrato do inferno.”

Tendo dado uma ligeira idéa do que eram as minas em epochas mais remotas, passaremos agora a fallar do tempo em que principiou a ser conhecida na Europa esta invenção, cujas espantosas e horriveis explosões quasi parecem sobrenaturaes, e fóra dos limites do poder humano.

O célebre general hespanhol Pedro Navarro foi, na Europa, o descobridor de tão admiravel invento, de que fez uso pelo meado do seculo 15.^o, aperfeiçoando-o depois quando o seu genio marcial o obrigou a abandonar a vida errante que seguira para ir militar com o grande capitão Gonçalo de Cordova.

Quando os hespanhoes expulsaram os francezes do reino de Napoles [que estes pouco antes haviam conquistado], era defendido por uma forte guarnição o castello de Oro, na mesma cidade. Pedro Navarro que commandava as tropas castelhanas n'aquelle assédio fez tão bom uso de uma mina que, carregando-a de polvora, arrojou a fortaleza sobre o mar, perecendo nelle a guarnição. Foi esta a primeira praça que por semelhante meio Navarro tomou como general, ainda que alguns annos antes o tivesse

FORÇAS NAVAES DAS PRINCIPAES POTENCIAS MARITIMAS.

A SEGUINTE tabella, extrahida de um jornal inglez, mostra o numero das náus de linha, fragatas e vapores pertencentes a Inglaterra, França, Russia e Estados Unidos, assim em commissão e serviço ordinario, como em construcção.

Náus de lin.	Inglaterra.			França.			Russia.			E. Unidos.		
	Commissão.	Serviço ordinario.	Construcção.	Commissão.	Serviço ordinario.	Construcção.	Commissão.	Serviço ordinario.	Construcção.	Commissão.	Serviço ordinario.	Construcção.
1. ^a classe: 100 p. e mais	4	12	3	19	2	4	16	22	5	2	7	2
2. ^a classe: 80 a 100 p.	4	13	7	24	5	2	11	18	16	2	5	23
3. ^a classe: 70 a 80 peç.	12	33	2	47	3	4	2	9	19	1	20	3
	20	58	12	90	10	10	29	49	40	3	7	50
	2	5	8	15	2	5	8	15	2	5	8	15
Fragatas.												
1. ^a classe: razas e de 60 peças.....	1	10	11	5	8	9	22	4	4	6	9	18
2. ^a classe: 50 e 52 peç.	1	7	2	10	5	7	8	20				
3. ^a classe: 36 a 50 peç.	7	57	8	72	6	7	5	18	20	1	21	2
	9	74	10	93	16	22	22	60	24	1	25	6
	11	18	13	33	11	13	18	33	11	13	18	33
Vapores.												
V. de guerra	5	2	5	12	22	6	9	37	8	8	1	9
Vap. nas estações estrangeiras.....	13		13									
Paquetes....	28		28									

N. B. Como os vapores empregados em França no serviço de paquetes são armados com artilheria pesada, e servem igualmente para o serviço de guerra, foram incluídos debaixo deste ultimo titulo: pela razão inversa não o foram os paquetes inglezes, visto não serem armados de maneira que possam prestar o mesmo serviço.

já conseguido, como aventureiro, nas guerras dos florentinos contra os genovezes.

Navarro alistando-se nas bandeiras hespanholas como official engenheiro, foi ao assedio de Serezanella, aonde em 1437 fez ensaio das suas minas. Nesta tentativa o desamparou a fortuna; mas nem por isso desanimou, antes procurou attentamente vencer todas as difficuldades que lhe oppunha a natureza do terreno. O grande capitão, a cujos ouvidos souo a nomeada do talentoso ardimento de Navarro, lhe offereceu um posto no seu exercito, o que elle accitou, dirigindo-se logo a Napoles. Alli, por meio das minas o ajudou muito na conquista d'aquelle reino; pelo que, apezar de ser plebeu, o rei o recompensou, não só com postos militares, mas tambem fazendo-o nobre com o titulo de conde de Alvetto.

Navarro pouco se serviu das minas; porque o acerto com que dirigiu a de que fez uso contra Castel d'Oro, fortaleza reputada inexpugnável, destruindo a sua guarnição, infundiu tal medo aos sitiados, que todas as praças e castellos se rendiam ás armas hespanholas, só com o temor do invento.

Quando voltou a Hespanha foi nomeado general de uma frota de galeras enviada contra os piratas africanos que infestavam as costas da Italia, fazendo mui frequentes correrias nas de Hespanha; e ao passo que os atacava no mar, os perseguia em terra com repetidos desembarques. O famoso cardeal Ximenes o nomeou general em chefe de mar e terra da grande expedição contra Africa, com a qual tomou aos mouros Velez, Oran, Bugia, e Tripoli. — Navarro era um heroe amphibio, possuindo tanta sciencia para commandar uma esquadra em batalha, como para conduzir um exercito á victoria; sobresaindo-lhe comtudo a aptidão no modo de dirigir as operações de qualquer assedio: — era o primeiro homem do seu seculo em tudo o que dizia respeito ao systema de fortificações.

Cahiú porem prisioneiro dos francezes na batalha de Ravenna em 1512; e sendo conduzido a França pediu a Fernando 5.^o que o resgatasse; mas este rei fez tão pouco caso de um vassallo aprisionado em seu serviço, a quem tanto devia, e tanto honrara antes, que Navarro ainda se conservou captivo dois annos, e sem esperanza de obter liberdade. Todas as potencias queriam este homem singular para o seu serviço. Os venezianos lhe offereciam o mando do exercito; porem Francisco 1.^o, que sabia avaliar o verdadeiro merito, o attrahiu com grandes premios; e Navarro julgando-se justificado pela ingratição do rei passou ao serviço da França. Nos primeiros momentos de indignação renunciou todos os titulos e honras que lhe dera Fernando 5.^o, desnaturalisando-se de Hespanha. Navarro á frente de um exercito francez conquistou o ducado de Milão, apoderou-se depois de Navarra, e partindo em soccorro de Genova foi aprisionado pelos hespanhoes que a sitiavam: — no fim de tres annos de captiveiro foi trocado por D. Hugo de Moncada.

Voltando a França acompanhou Lautrec no exercito que Francisco 1.^o mandou contra Napoles. Grande parte do mesmo exercito foi aniquilado pela peste, e sendo della victima aquelle general, Navarro se viu obrigado a retirar-se com o resto das tropas. — Por infelicidade sua cahiú segunda vez nas mãos dos hespanhoes, que o levaram para Castel Novo, aonde morreu em 1523, um dia antes de chegar ordem de Carlos 5.^o para ser degollado. —

Pedro Navarro, que era natural da Navarra, nascido no valle de Roncal, tinha maneiras e trajos grosseiros. Possuia extraordinario valor, e uma actividade espantosa. A sua unica falta, como general

hespanhol, consistia em ter renunciado a patria, prestando serviços ao maior inimigo da Hespanha: — o que nem sequer a ingratição do soberano podia justificar.

As contra-minas servem, como o proprio termo o indica, para descobrir as minas do inimigo por meio de uma galeria subterranea; o nosso compatriota Alpoim, no seu *Exame de artilheiros e bombeiros* diz que a galeria subterranea "é o trabalho que fazem os cercadores no fosso de alguma praça para chegarem ao pé da muralha, com os mineiros defendidos da espingarderia inimiga."

A invenção da contra-mina deve-se, segundo Noel, a Tryphon general das tropas d'Alexandre Balas, da qual fez o primeiro ensaio no cêrco d'Appolonia.

PRODUCTO COMPARADO DOS TRIBUTOS GRANDES COM OS PEQUENOS.

Não nos occuparemos hoje senão de verdades practicas: sómente verificaremos um facto, e é que o augmento da renda publica não é a consequencia certa e infallivel do augmento dos tributos, e que muitas vezes acontece diminuir-se os tributos sem que a renda publica seja diminuida. As opiniões erradas que tem vogado, e vogam ainda a este respeito, são mananciais de resultados desastrosos, por isso as atacaremos. Nós julgámos inutil tarefa a de mostrar que a excessiva elevação dos direitos tira ao povo o seu bem estar, e corrompe a moralidade publica, animando o contrabando, as declarações falsas, e a fraude: são verdades hoje geralmente reconhecidas, e todos convem na sua exactidão; mas respondem — o mal é sem remedio, as precisões do governo não permitem que se reduzam as taxas. — Na camara dos communs de Inglaterra no anno de 1822, onde esta materia foi tractada a fundo; disse o chanceller do Echiquier [Mr. Vanzittart]. — Se reduzis os direitos sobre o sal de quinze schellings a dez shellings, o sal não dará senão uma renda de 1:000:000 Lib. sterl. em vez de 1:500:000 que rendia: porem nas circumstancias em que o governo se acha, e na obrigação em que está de conservar um fundo de amortização de 5:000:000 est. não me é possível consentir em semelhante diminuição. — Certamente os ministros teriam grande prazer se podessem consentir em consideraveis diminuições de direitos; porem pelo que já a este respeito está feito pelo parlamento nos é impossivel consentir nesta, ou outra qualquer redução. — Não nos é preciso muito esforço para demonstrar a insufficiencia das razões do ministro: elle, e seus collegas suppunham que não haveria maior consummo da mercadoria descarregada do direito pesado sobre ella imposto, porém o successo fez vêr o contrario, e então a que se reduz o discurso do ministro! Se depois da redução do direito sobre o sal de 15 schellings a 10 schellings cada pessoa em vez de gastar dois alqueires gastar ou consumir tres alqueires, é claro que não haverá diminuição na venda. — É isto o que se observou, e nós não receámos affirmar que tal será sempre o resultado da diminuição dos direitos excessivos lançados nas mercadorias de uso geral, e que longe de haver a mais pequena diminuição na receita publica, ao contrario haverá augmento, resultado do maior consummo, e da ausencia do contrabando. — É pois para nós da ultima evidencia que em mercadorias de uso, e consummo geral a diminuição no valor dos direitos não diminua a receita do estado, antes a augmenta, e que esse consummo será sempre na razão directa dessa diminuição: e não só produzirá es-

se resultado mas tambem terá o de introduzir essas mercadorias no uso de novas, e ainda mais numerosas classes de consummadores. — A historia do algodão mostra a verdade desta observação: em Inglaterra no comego do reinado de Jorge 3.^o, no anno de 1760, os grandes direitos impostos sobre os tecidos de algodão mantinham um preço subido áquella mercadoria: vê-se dos annaes do commercio de Macpherson vol. 4.^o pag. 132, que a importancia das vendas não excedia annualmente a dois milhões de cruzados. — Mas depois da invenção, e applicação das maquinas de vapor o preço dos tecidos de algodão baixou a tal ponto que pôdem ser comprados pelas classes mais pobres e tal foi a abundancia das encomendas, que apesar da redução do preço, o valor do algodão manufacturado subiu á somma enorme de 400 milhões de cruzados. — Outro exemplo no chá: antes do anno de 1745, o tributo sobre o chá que era de 4 schel. por arratel produzia uns annos por outros 150:000 Lib. sterl.; ora todos sabem que o contrabando era grande nesta epocha, e que a quantidade consummida de chá era muito maior que a apparente. — Para reprimir esta importação clandestina passou-se um Bill na camara dos commons para se reduzirem os direitos sobre o chá de 4 schel. a 1 schel. e 25 por $\frac{1}{100}$ ad valorem: o resultado desta medida foi extraordinario e excedeu mesmo a expectação. — Logo no anno de 1746 a venda do chá para consummo interior subiu a mais de dois milhões de arrateis, e o producto do direito a dois milhões e 400 mil cruzados. — A historia das finanças de França mostra o mesmo resultado. — No anno de 1775, Mr. Turgot reduziu a ametade os direitos do peixe nos mercados de París, e apesar desta redução a receita do thesouro não diminuiu, e porque? porque por essa diminuição foi maior o consummo. — Veja-se na visinha Hespanha o que diz o celebre Ustariz sobre os effeitos já desastrosos, já uteis, que teve o estabelecimento de certas taxas, ou a diminuição dellas. — Nós citaremos um só facta apontado por elle. — O reino de Valencia [diz elle] é muito pouco abundante em gados e cereaes, e ainda que a sua extensão não iguale a dois terços do reino de Aragão, comtudo rende muito mais que este para o thesouro publico: e isto procede da situação prospera dos fabricos, e commercio daquelle reino: situação florescente devida á diminuição dos direitos sobre a carne, e outros generos de primeira necessidade, e á inteira abolição do direito que pesava sobre o pão. — Estes direitos foram substituidos por outros mais moderados, e o resultado é patente a todos. —

Isto mostra no nosso entender sem replica a utilidade dos direitos moderados nas mercadorias de uso geral: utilidade para o thesouro, e utilidade para o publico. —

Xavier d'Araujo.

ANTIGUIDADE DO PROJECTO DA OBRA DAS AGUAS-LIVRES.

A IDEA de beneficiar Lisboa, abastecendo-a com as aguas denominadas *livres*, ainda que só a magnificencia e poder d'elrei D. João 5.^o a realisou, já tinha sido concebida muito tempo antes, como se prova pela obra de Francisco d'Olanda que attribue semelhantes intengões a elrei D. Manuel, e ainda mais pelo curioso documento, que passamos a trasladar, e que se encontrou no processo de uma demanda sobre aguas entre os frades de S. Francisco, e os de St.^o Eloy, do Porto,

— « Certifico eu Nicolau de Frias, mestre de obras das igrejas deste arcebispado de Lisboa, e obras da cidade, que, em tempo do sr. rei D. Sebastião que Deus tem, me mandaram o presidente e vereadores desta cidade fazer experiencia da quantidade d'agua que poderia ser a da fonte da agua-livre que se determinava trazer a esta cidade; para o que fiz as experiencias necessarias para vir em conhecimento da quantidade que tem os anneis e manilhas d'agua, e por ellas descubri ser um annel d'agua do tamanho deste circulo o diametro do qual é a duodecima parte de um palmo de cinco em vara, e foi naquelle tempo approvado por medida certa e infallivel, e da mesma maneira vindo elrey nosso sr. á coroa destes reinos, determinando de mandar vir a dita agua-livre, me mandou fazer a mesma experiencia na medição da quantidade da dita agua, e foi approvada por Sua Magestade e por seus architectos; e assim o affirmo pelo juramento do meu officio: e por me ser pedida a presente certidão a passei e assignei em Lisboa a 23 de Junho anno de 1588. — &c.

O TALENTO E A APTIDÃO.

QUANDO se falla da vivacidade e esperteza da juventude não ha vocabulo mais illusorio, e até fatal, do que a palavra — talento. — Dizer a um rapaz — que tem talento — é as mais das vezes converte-lo em ignorante e estúpido. Já se sabe que o defeito não está na palavra, mas sim na errada intelligencia que ordinariamente se lhe dá. Se nos pedirem a definição de — talento — diremos que consiste na aptidão dirigida e aperfeiçoada pelo estudo; e estamos intimamente convencidos que a historia particular de todos os homens insignes em sciencias e artes confirma a propriedade desta definição.

Muitos ha por natureza dotados de excellentes qualidades e disposições para chegarem ao auge da sciencia, e que, ou por negligencia propria, ou pela desfavoravel posição em que se acham na sociedade, vivem ignorantes de suas faculdades, e morrem desconhecidos, em limitada esfera. Não é a isto que chamâmos — talento — pois se este fosse simplesmente algum dom occulto da natureza, distincto e independente do estudo, deveria dar-se este nome á simples aptidão sem exercicio; e um homem que poderia ter sido poeta ou critico seria tão credor da nossa admiração como Homero ou Longino. O exercicio da aptidão é que descobre e desenvolve o talento; e aquelles, a quem a natureza dotou de maior quinhão de capacidade, por dever para com o Creador, e a sociedade, e para consigo, teem obrigação restricta de a cultivar com assidua diligencia: porque, faltando-lhe todo o esforço necessario, muitas vezes a habilidade se perde, e em vez de produzir flores odoríferas e fructos preciosos, gera somente zizania, que tão nociva é n'um terreno productivo.

Porem quando os estudos são bem dirigidos ao seu verdadeiro fim, e inspirados por motivos honestos, é indubitavel que não só dão incremento á somma dos prazeres, e melhoram a condição social do homem applicado, como tambem, o que é ainda mais importante, fazem que seja este venerado de seus concidadãos e abençoado do ceu; pois que por elles se dilata e engrandece o entendimento, e o coração evita o mal para seguir o bem. Descrever a vida de um homem realmente applicado ao estudo da sabedoria, será o mesmo que fazer a descripção do coração humano cheio de toda a satisfação e innocencia de que a nossa natureza é susceptivel; e ainda quan-

do o estudo não tivesse outra particularidade alem de afugentar do espirito os máus pensamentos, e do coração os máus desejos, nem por isso deveria deixar de ser recommendada a vida estudiosa pelos fructos que traz á sociedade. É porem certo que a applicação não sendo bem dirigida não póde produzir as desejadas vantagens. Os antigos gymnastas nunca de improviso e sem preparação exhibiam suas grandes forças nas solemnidades publicas. Milon que, segundo affirmam, carregava com um touro, tinha-se gradualmente costumado a suster pesos enormes. Quem tem motivos de julgar acanhada a sua intelligencia, se quizer aperfeiçoa-la, só carece de paciencia, e perseverança no estudo a que a sua vocação ou necessidade o chama, para chegar a adquirir somma de conhecimentos.

Talento natural é ficção da imaginação humana: a aptidão natural é objecto pouco vulgar; e o motivo porque o verdadeiro talento raras vezes se manifesta, é porque os que tem aptidão desprezam as faculdades naturaes, e presumindo possuir o talento, não curam dos meios porque se póde gloriosamente alcançar.

A CURIOSA REPUBLICA DE ANDORRA.

BEM conhecida é a pequena republica de S. Marino, que Napoleão, subjugando a Italia, mandava conservar intacta, *para amostra*, como elle dizia. Não é porem tão vulgar a noticia da republica de Andorra, que ainda ha poucos annos não era mencionada nos livros de geographia. O territorio deste pequeno e singular estado é um valle nas serranias da Catalunha, e comprehende a villa capital e mais quatro com varias aldeas que daquellas dependem: toda a sua extensão não passa de 144 milhas hespanholas quadradas, e a povoação será de quinze a vinte mil visinhos; os quaes obedecem no espirital ao bispo de Urgel, porque são catholicos, mas sem pagar dizimos, contribuindo apenas com 100 pesos annuaes [80 \$ 000 r.^s] por modo de donativo ao prelado. O seu governo civil é o seguinte.

Ha um presidente, magistrado vitalicio, eleito pelo conselho geral e por uma assemblea, que representa uma especie de *côrtes*: o conselho compõe-se de 24 membros tambem vitalicios, seis de cada um dos quatro povos principaes, que assistem por turno ao primeiro magistrado, o qual tem voto decisivo em caso d'empate; eis-aqui uma especie de senado. O conselho convoca as *côrtes*, e cada parochia nomeia então o seu deputado, tendo voto na eleição todos os homens maiores de 21 annos. Nas causas civis, os *alcaldes* das parochias são os juizes de primeira instancia, de que se appella para o conselho geral: o tribunal criminal consta d'um juiz, e de seis membros das *côrtes*, que servem como *jurados* para declarar se o accusado é ou não reu. Antigamente havia outra appellação, um anno para o bispo de Urgel, outro anno para o governo francez, que eram os protectores da republica, mas esta dependencia ha muito que está abolida.

O paiz de Andorra é muito montanhoso, e por isso pouco apto para a lavoura; abunda porem em gados que são vendidos aos povos visinhos hespanhoes em cambio de cereaes, roupas e outros generos de consumo ordinario. Ha tambem uma mina de ferro que é propriedade commum, pelo que tem cada povoação principal uma ferraria para preparar este metal.

O commercio é franco, sem haver alfandega: tudo se importa e exporta livre de direitos. Os baldios tambem são *fazenda publica*, e o conselho geral os

arrenda para a criação de gados por modicos preços, cujo producto, que é a *renda publica*, corresponde exactamente aos gastos que fazem a administração da justiça e a policia do estado.

A linguagem dos habitantes é a catalaã, assim como as leis antigas por que se regem; destas é a mais notavel a que determina a herança universal do filho primogenito, mas com obrigação de occorrer á manutenção das irmaãs, e dos irmãos menores.

AS LINGUAS DO MUNDO ACTUAL.

Um escriptor russo publicou ha cousa de quatro annos uma tabella de todas as linguas e dialectos conhecidos, cujo resultado, referindo-nos ás quatro partes do mundo, segundo a antiga divisão geographica, é o seguinte.

Linguas europeas	587
— asiaticas	937
— africanas	226
— americanas	1:264

Total das linguas e dialectos conhecidos . . . 3:014

A sagrada Biblia está traduzida em 139 linguas, quarenta das quaes são asiaticas.

Somos informados que no dia 30 do mez de Julho passado se fez em Evora um acto solemne, que honra aquella antiga cidade.

Foram trasladados com a devida pompa os ossos de dois portuguezes illustres que encaneceram no estudo todos entregues á patria. — O grande mestre André de Resende, e o sabio chantre Manuel Severim de Faria, acharam corações generosos que curassem d'elles: o primeiro jazia no convento de S. Domingos, hoje demolido, e o segundo no da Cartuxa, que breve será propriedade particular. A honrada camara municipal não se esqueceu da memoria de tão grandes homens que honraram a sua municipalidade, e por isso tractou de a respeitar e solemnizar. Honra seja a seus dignos membros, e a quem influíu para se levar a effeito esta civica solemnidade. O nosso jornal não nos permite dar mais circumstanciadas noticias; só dizemos que foi nomeada uma commissão, de que fez parte o digno e erudito bibliothecario o Sr. Dr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, que lavrou para Resende o seguinte epitaphio, mandado abrir pela commissão na campa do novo jazigo.

L. ANDREAE RESENDII

MEMORIAE DICATUM.

EX AEDE DOMINICANA FVNDITVS EVERSA
TANTI VIRI CINERES

IN PERPETVVM GRATI ANIMI MONVMENTVM
CVRA ET SVMPTEBVS EBORENSIVM
QVIBVS DECVS PATRIAE CARVM.
HVC TRANSLATI AN. MDCCCXXXIX.

MAXIMAS.

Os cargos eminentes são como as summidades dos penhascos; só as aguias e os reptis lá pódem chegar. — *Mad. Necker*.

O que se dá pedido e rogado, já custa tanto como comprado. — *Fr. Luiz de Sousa*.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.